

Por uma “desocidentalização” da comunicação como um campo de conhecimento - propostas teóricas do Sul Global¹

Edgar Mundulai Armindo BARROSO²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este estudo reflete sobre a necessidade de “desocidentalizar” o campo da comunicação, explorando algumas propostas teóricas do Sul Global. A pesquisa contextualiza a importância de valorizar perspectivas comunicacionais não ocidentais e analisa a sua aplicação prática visando a promoção de uma compreensão mais inclusiva do fenômeno comunicacional. A metodologia envolve uma revisão bibliográfica e discussão teórico-reflexiva, explorando as oportunidades de adotar essas perspectivas em estudos de comunicação. Teoricamente, fundamenta-se em debates sobre hegemonia e colonialismo nas ciências sociais, destacando a relevância de uma abordagem comunicacional que reconheça a diversidade epistemológica e contribua para uma compreensão mais equitativa e contextualizada do campo.

PALAVRAS-CHAVE: desocidentalização; comunicação; diversidade; estudos decoloniais; Sul Global.

INTRODUÇÃO

A pesquisa e produção acadêmicas, historicamente dominadas por perspectivas ocidentais, têm sido criticadas por sua falta de diversidade epistemológica e pela hegemonia de paradigmas eurocêtricos (Chakrabarty, 2000; Mignolo, 2002; Smith, 2012; Schiller, 1976). As ciências sociais, onde se enquadram as ciências da comunicação, não fogem à regra (Demas, 2020). Este estudo propõe a “desocidentalização” da comunicação como um campo de conhecimento, enfatizando a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação, Universidade Federal de Goiás, email: edgarbarroso@discente.ufg.br

necessidade de integrar propostas teóricas advindas do Sul Global (Langmia, 2022; Mignolo, 2009; Spivak, 1988).

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza teórico-reflexiva, essencialmente estruturada em uma revisão bibliográfica sobre o tema. A análise envolve a identificação e discussão de propostas teóricas do Sul Global que contribuem para a desocidentalização do campo da comunicação. As fontes bibliográficas incluem artigos acadêmicos, livros e ensaios que abordam a comunicação a partir de perspectivas não ocidentais. A discussão é orientada por uma análise crítica das contribuições teóricas, examinando sua aplicabilidade prática em diferentes contextos regionais e culturais. Esta abordagem permite uma avaliação aprofundada das oportunidades advindas da adoção dessas perspectivas teóricas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tradicionalmente, a comunicação como um campo de conhecimento é largamente marcada pela hegemonia de autores ocidentais que, com abordagens marcadamente eurocêntricas, moldaram e continuam a influenciar o desenvolvimento teórico e metodológico da disciplina. A predominância desses autores reflete uma hegemonia epistemológica que, muitas vezes, marginaliza perspectivas não ocidentais, limitando a diversidade de abordagens e experiências que poderiam enriquecer a compreensão dos fenômenos comunicacionais.

Nos estudos da comunicação, dentre os autores mais citados, destacam-se, dentre outros, Harold Lasswell, Paul Lazarsfeld, Marshall McLuhan, Claude Shannon e Warren Weaver, Jürgen Habermas, Pierre Bourdieu e Manuel Castells. Estes são apenas alguns dos autores considerados cânones em ciências da comunicação, sendo massiva e desproporcionalmente citados na área.³ Esses dados numéricos confirmam a influência contínua desses autores no campo da comunicação, mas também revelam a necessidade de diversificar as perspectivas e incluir mais vozes do Sul Global. Com efeito, a

³ Para entender a hegemonia de autores ocidentais, recorrendo-se a bases de dados acadêmicas como Google Scholar, Web of Science e Scopus, pode-se verificar, por exemplo, que Manuel Castells tem mais de 100.000 citações; Jürgen Habermas é referência incontornável em estudos de comunicação; e Pierre Bourdieu é amplamente citado em estudos sobre mídia e comunicação.

hegemonia de autores ocidentais no campo da comunicação reflete uma falta de diversidade epistemológica que limita a compreensão global do fenômeno comunicacional. Embora os autores clássicos, de referência e mais citados façam contribuições significativas, é crucial reconhecer e integrar perspectivas não ocidentais para enriquecer o campo e promover uma abordagem mais inclusiva e equitativa.

A desocidentalização da comunicação como campo de conhecimento é essencial para refletir a verdadeira diversidade das experiências humanas e as complexidades das dinâmicas que os processos comunicacionais possuem à escala global. Sem descurar a importância da experiência filosófica e cultural europeia para o desenvolvimento da ciência no seu todo, e da ciência comunicacional em particular, revela-se pertinente desconstruir concepções e narrativas eurocêntricas que estabelecem a Europa como o epicentro da produção teórica no campo. Com efeito, um enriquecimento epistêmico das ciências da comunicação tem mais a ganhar com as contribuições não europeias para o desenvolvimento do pensamento moderno em comunicação.

Como ponto de partida, socorremo-nos do argumento trazido por Mignolo (2012), ao criticar a visão eurocêntrica da modernidade, argumentando que ela foi construída sobre a subjugação e exploração de outros povos e culturas. Com efeito, segundo este autor, durante quinhentos anos a história universal – e, por tabela, todos os outros campos do conhecimento – foi sempre contada e transmitida como a única verdade a partir da perspectiva de uma história local, a da civilização ocidental. Nesse desiderato, este autor propõe uma epistemologia descolonial que questiona as hierarquias do conhecimento e promove uma visão pluriversal da modernidade, reconhecendo as múltiplas trajetórias históricas e culturais que contribuíram para sua formação.

Fazendo uma transposição contextualizada ao campo da comunicação, afirmamos que a disciplina parece padecer do mesmo síndrome, caracterizando-se, em grande parte, por assumpções ou teorizações de matriz ocidental que informam e reforçam uma ciência comunicacional com uma grande ausência de perspectivas teóricas não ocidentais. Por conseguinte, é nossa percepção que essa dominação epistêmica tem eclipsado outros saberes, especialmente os provindos do mundo não ocidental. É dentro desse contexto que tentamos repensar e desconstruir essa matriz dominante, por se revelar fundamental reconhecer e valorizar as múltiplas vozes e

experiências que podem contribuir, em igualdade de circunstâncias, para a formação de um campo comunicacional verdadeiramente global, muito além da cosmovisão ocidental e que inclua a diversidade ontológica e epistemológica da humanidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ontológica e epistemologicamente, a pesquisa e produção acadêmica no campo da comunicação carece ainda de uma teorização que, sem pretender ser universalizável, porque impossível, ao menos represente devidamente diferentes contextos históricos, pluralidades geográficas e subjetividades diversas para além dos que, efectivamente, têm sido objecto de estudo. Esse desafio pode assentar-se no que, filosoficamente, pode significar “ontologia”. Segundo Hofweber (2005, p. 256), ontologia é “o estudo do que existe” assente em duas partes fundamentais, onde 1) se diz o que há, o que existe e do que é feita a realidade; e 2) se diz quais são as características e relações mais gerais dessas coisas. No campo da comunicação, fica-se na dúvida, primeiro, se o que é hegemonicamente retratado como produção teórica é “tudo o que existe” e, segundo, se se pode considerar tal existência algo generalizável à escala global, com todo o rigor científico exigido.

Como proposta de teorização, referências a escolas de pensamento alternativas e a outros teóricos (como os do Sul Global) poderiam enriquecer os termos de referência nos estudos desenvolvidos dentro do campo da comunicação. Nesse diapasão, o que pode ser entendido como (ou convencionado ser) ciência da comunicação, numa determinada tradição ontológica – “eurocêntrica”, por exemplo – pode ser insuficiente ou limitante numa outra (ou em outras, como a “afrocêntrica” ou a “oriental”, por exemplo). Portanto, traz-se à colação a pertinência da disciplina procurar ser mais representativa ou de, no mínimo, possibilitar a emergência e discussão construtiva de pluralidades e possibilidades teóricas ainda não hegemônicas.

De Sousa Santos e Meneses (2014) defendem a ideia de um pluralismo epistemológico, que reconhece a existência de diferentes sistemas de conhecimento e valores fora do paradigma eurocêntrico. Sumariamente, estes autores argumentam que todas as práticas sociais pressupõem epistemologias distintas, que podem ser influenciadas por relações sociais diversas, sendo sempre contextuais devido à

diversidade cultural e política. Ademais: se, por um lado, estes autores criticam a prevalência, nos últimos dois séculos, de uma epistemologia que desconsidera o contexto cultural e político na produção do conhecimento, assente num epistemicídio da diversidade epistemológica, cultural e política do mundo; por outro lado, ressalvam a possibilidade de uma crítica a esse regime epistemológico, propondo as epistemologias do Sul como intervenções que buscam denunciar a supressão epistemológica, valorizar os saberes locais e promover ecologias de saberes, possibilitando um diálogo mais equitativo entre diferentes formas de conhecimento.

No campo comunicacional, muito da produção teórica disponível ainda replica, de modo repetitivo, este epistemicídio. Pouca literatura no domínio da comunicação apresenta ou sugere propostas epistemológicas não ocidentais, mesmo que ela exista e esteja em franco desenvolvimento um pouco por todo o mundo não ocidental. Portanto, a nossa proposta é clara: denunciar a marginalização, o silenciamento e o apagamento das contribuições epistêmicas não ocidentais para o desenvolvimento do campo da comunicação, por um lado e, por outro, advogar por um maior reconhecimento e valorização das múltiplas vozes e experiências que têm contribuído para a ciência comunicacional, provenientes do Sul Global.

Por conseguinte, as propostas epistemológicas e teóricas analisadas demonstram que as práticas comunicacionais em contextos não ocidentais podem oferecer *insights* valiosos para a compreensão das dinâmicas de comunicação global. No entanto, a incorporação dessas perspectivas enfrenta desafios significativos, como a resistência institucional e a persistência de paradigmas eurocêntricos. É dentro desse contexto que defendemos a importância de criação de espaços acadêmicos e institucionais que acolham e promovam a diversidade epistemológica, facilitando a desocidentalização do campo da comunicação.

Como descolonizar a comunicação como um campo de conhecimento?

No campo da comunicação, os conteúdos programáticos e os lugares de fala são, larga e desproporcionalmente, do Ocidente ou ocidentalizados. Por conseguinte, sair desse determinismo geográfico e explorar possibilidades e potencialidades não-ocidentais – ou pós-ocidentais – com ênfase nas realidades do Sul Global é a saída

proposta neste ensaio. Assim sendo, reconhecendo que a ausência (ou insuficiência, ou marginalização, ou invisibilidade) das experiências e produções teóricas do Sul Global é consequência directa das lógicas burocráticas, das práticas culturais e dos discursos disciplinares que têm estruturado e influenciado o campo da comunicação – assentes em matrizes eurocêntricas de produção e de disseminação de conhecimento – propomos uma reconceptualização da comunicação como uma ciência mais pluralista, e que reconheça e respeite tanto a diversidade epistêmica quanto o contributo teórico do mundo não-ocidental.

Existem alguns pontos de (re)partida. Ngũgĩ wa Thiong'o (1986), um dos intelectuais africanos mais proeminentes a abordar a questão da descolonização do pensamento e da cultura, já propôs a reestruturação dos currículos educacionais para refletir a história, cultura e experiências africanas. Aplicado ao campo da comunicação, isso significaria revisar os currículos dos programas de comunicação para incluir teóricos, perspectivas e metodologias africanas, de forma a que o conhecimento africano passe a ser central, e não periférico, no ensino e na pesquisa em comunicação. Com efeito, e tomando em consideração, por exemplo, a teoria habermasiana da ação comunicativa – que enfatiza a racionalidade e o consenso alcançado através do discurso livre de coerção – a sua utilidade analítica pode ser limitada para estudar processos comunicacionais em contextos africanos onde o consenso pode ser alcançado através de meios não discursivos, incluindo formas tradicionais de resolução de conflitos e práticas comunitárias que não se baseiam na racionalidade ocidental. Além disso, a ideia habermasiana de uma esfera pública homogênea e inclusiva pode não refletir as realidades das sociedades africanas, onde múltiplas esferas públicas coexistem e onde a comunicação pode ser profundamente influenciada por dinâmicas de poder coloniais e pós-coloniais.

Adicionalmente, e para além de trazer ou incluir novas formas de conceptualização ou fontes e produções teóricas não-ocidentais no campo da comunicação, revela-se pertinente romper com a convicção da comunicação como um campo monolítico de conhecimento. Gloria Anzaldúa (1987), importante teórica latino-americana na área da descolonização do conhecimento – particularmente através de suas ideias sobre a fronteira, o hibridismo cultural e a identidade – já propôs a valorização de espaços onde culturas, identidades e línguas se encontram, colidem e se

misturam. No campo da comunicação, operacionalizar essa noção significaria reconhecer e valorizar as vozes e experiências daqueles que ocupam essas “fronteiras” culturais e linguísticas, em vez de marginalizá-las. Isso implica, por exemplo, a inclusão de narrativas que emergem do Sul Global – espaços predominantemente híbridos – e que desafiam as narrativas ocidentais dominantes de natureza invariavelmente homogeneizante.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a "desocidentalização" da comunicação é essencial para o desenvolvimento de um campo de conhecimento mais equitativo e representativo das diversas experiências humanas. A integração de propostas teóricas do Sul Global – um desafio emergente para a pesquisa e produção acadêmica no campo da comunicação que será explorado pelo autor em trabalhos posteriores – não só enriquecerá a compreensão do fenômeno comunicacional, mas também desafia as estruturas hegemônicas que perpetuam a exclusão de saberes não ocidentais. A reflexão aqui trazida reforça a necessidade de um compromisso contínuo com a diversidade epistemológica e a justiça epistêmica no campo da comunicação, promovendo uma abordagem que reconheça e valorize, com a devida proporcionalidade e justiça, as vozes e perspectivas não eurocêntricas.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

DE SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

DEMÁS, S. Decentring Eurocentrism in Communication Scholarship: A Discursive Analysis of Resistance in Influential Communication Journals. **Media@LSE**, London, p. 1-46, 2020. Disponível em: <https://www.lse.ac.uk/media-and-communications/assets/documents/research/msc-dissertations/2019/Demas.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.

HALL, S. Encoding/Decoding. In: HALL, S.; HOBSON, D.; LOWE, A.; WILLIS, P. (Eds.). **Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies, 1972-79**. London: Hutchinson, 1980. cap. 10, p. 128-138.

HOFWEBER, T. A puzzle about ontology. **NOÛS**, Oxford, v. 39, n. 2, p. 256-283, 2005.

LANGMIA, K. **Decolonising Communication Studies**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2020.

MIGNOLO, W. D. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. **South Atlantic Quarterly**, Durham, v. 101, n. 1, p. 57-96, 2002.

MIGNOLO, W. D. Epistemic disobedience, independent thought and decolonial freedom. **Theory, Culture & Society**, Los Angeles, v. 26, n. 7-8, p. 159-181, 2009.

MIGNOLO, W. D. **Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledge and Border Thinking**. Princeton: Princeton University Press, 2012.

SCHILLER, H. I. **Communication and Cultural Domination**. White Plains: M.E. Sharpe, 1976.

SMITH, L. T. **Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples**. London: Zed Books, 2012.

SPIVAK, G. C. Can the subaltern speak? In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (Eds.). **Marxism and the Interpretation of Culture**. London: Macmillan Education UK, 1988. cap. 4, p. 66-111.

THIONG'O, N. **Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature**. London: James Currey, 1986.